

Quero Morrer Dormindo

DOUGG MAIA COLARES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Confinamento. Quarto escuro. No centro, uma mesa forrada com uma toalha de linho preta. Em cima dela, uma cloche e ao lado um botão com um giroflex e uma sirene. O formato lembra um inseticida. Uma criatura andrógina, vestindo um traje um tanto cibernético, sai de um buraco da parede e se aproxima da mesa, farejando algo.

— Mundo? Há alguém? Terráqueos, marcianos ou humanoides. Faz tanto tempo! Será seguro ir? Sou Terrena. Assim como outras da minha espécie, tenho medo. Sei que você também. Para evitar qualquer dano ou sofrimento, trago um alerta para você que me observa, seja por globos oculares, por frestas na parede ou olhos eletrônicos: essa história não é feliz! Sequer positiva. É um episódio melancólico, taciturno e triste da existência Terrena. Haverá cadáveres e homicidas ao final. Se você tem receio, medo, pavor ou pânico de pensar na morte, a hora de sair, ir assistir outra coisa é agora. Não me ofende se preferir ver a nova edição do Big Brother Brasil. Mas se você ficou, creio que tenhamos algo em comum. Mas eis um pequeno fato: eu vou morrer! Espero só que seja dormindo.

Terrena caminha em direção ao botão. Prestes a apertar, vê uma barata.

— Deus é um barato mesmo! Mandou você, criatura suja e cascuda, que agora me analisa com essas antenas pontuadas como se eu fosse uma apetitosa migalha de pão ou um resto de comida no ralo. Por que você não pode ser como uma joaninha? Por que Deus faz desse monstro a minha companhia? Vocês são piores do que os ratos, porque eles são cientes da repugnância que causam. Enquanto vocês, aberrações, além de pragas, sequer têm função na cadeia ecológica. São traiçoeiras, pestilentas, resistentes à chinelada, ao veneno e ao tempo, capazes até de viver sem cabeça. Por que insistem em existir? Não duvidaria que comessem criancinhas. Vocês passeiam nas nossas bocas durante a noite, roem restos de comida, nos infectando com doenças: salmonelose, furunculose, parasitose, tuberculose e qualquer outra “ose” existente. Como se não bastasse o tamanho descomunal, poderem correr – até pelo teto e pelas paredes –, pra completar, foram dadas a vocês asas para praticarem o seu terror psicológico (Pausa). Preciso parar um pouco pra me consolar. Deus

Quero Morrer Dormindo

DOUGG MAIA COLARES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

me magoou profundamente, embora duvide que saiba. Deus não está aqui neste instante. Dizem que Deus não olha para mim!

Tirando o sapato do pé, Terrena avança lentamente contra a barata.

— Você tá aí, parada. Eu me aproximo, com todo cuidado, por trás. Mas você me nota e corre, feito uma barata tonta. A gente dificilmente acerta vocês de primeira. Sabe por que? Vocês possuem pequenos sensores na retaguarda peluda, captando o menor sinal de deslocamento de ar. Mesmo quando não há luz, seus ouvidos são capazes de detectar até os passos de outra barata, não é? Você, quase imortal, pode sobreviver uma semana sem água e um mês sem se alimentar. Li isso na Wikipédia. E pior, faz tudo instintivamente, nem dá conta de quanto é resistente. Olha aí, escapou de novo. Minha mãe sempre dizia: um dia o mundo vai acabar e restarão apenas as baratas. Mas o mesmo SBP que não pôde contigo, não pôde comigo. E se eu for a única criatura restante? Uma barata albina ameaçada de extinção. Sabe, as cinco piores formas de morrer são: queimaduras extremas, desidratação, fome, esfolamento e queda de elevador. Que eu morra dormindo!

O que? Você acha que eu mereço isso? Castigo por eu ser a responsável pelo sofrimento da sua espécie? Ah é?! Eu vou te esmagar (Pausa). Sabe, ao te matar, criatura, é possível que você me mate também! Há um provérbio chinês mais ou menos assim: antes de sair à caça de vingança, deve-se cavar duas covas. Assim como outras da espécie Terrena, tenho medo: de baratas, da morte e de ficar só. Aqui é irremediavelmente solitário. Por hora, você vive (Pausa). Psiu. Claro que é com você. Quanto tempo passou? Meses? Anos? Séculos? Minutos? Tempo demais. Por mais esforço que faça, não consigo capturar o ínfimo momento que separa a antiga normalidade do agora. Me lembro tão somente de tentar neutralizar a dor com um comprimido pra dormir. Uma cartela com quinze comprimidos, mais precisamente. E então aconteceu: dispensei qualquer bula e engoli a morte. Ela me invadiu e dissolveu do copo pro corpo. Descansar. O Sono Eterno. O Último Suspiro. Ao selar o contrato de cessação das funções vitais, aceitei os termos e condições de serviço. A morte é antes de tudo uma empreendedora. Ela emprega o médico legista, o

Quero Morrer Dormindo

DOUGG MAIA COLARES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

dono da funerária, o necromaquiador, o motorista do rabecão, a carpideira, o coveiro e o florista pra coroar. Mas eis-me aqui, dentro dessa cela selada, esse armário-lápide. Quem nos confinou aqui? É o Céu? O Inferno? O Limbo? Talvez aqui seja a antessala, o instante. E depois do instante passar, talvez vire enfim estrela? Só quero que seja dormindo!

Terrena tira de uma gaveta da mesa velas, fósforos, um baralho de tarot e abre o jogo.

— Chegou a chance de olhar o futuro pelo buraco da fechadura. Para uma barata, você é muito abelhuda! Corta o baralho e escolhe uma carta. A carta da morte. E se eu disser que pelo jogo do tarot podemos dizer o seu tempo restante de vida? Se disser que te resta menos de 24 horas?! Muda tudo, né? Corre daqui! Foge dessa simulação! A iconografia da morte nos persegue. Em algumas representações, como essa do baralho, ela surge como o esqueleto. Também como o ceifador, de manto preto e foice. Pode ser Abadom, o Anjo do Abismo –, do livro Apocalipse. Ou o Senhor do Império da Morte: Lúcifer. Satanás. Diabo. Ou um funcionário público, mal pago, redator de ofícios-obituários que se perdem na burocracia. Eu vislumbro a morte numa entidade feminina. Uma idosa, com longos cabelos brancos, trajando um xale puído e empunhando uma lanterna pela noite, como a pastora com suas ovelhas. Há quem veja a materialização da morte nos bichos. Corvos, abutres e corujas são prenúncios dela. Na cultura egípcia, os gatos são guardiões do submundo; na grega, o papel cabe ao Cérbero, o cão de três cabeças. Já o som rítmico do besouro-da-morte imita a contagem regressiva e é sinal de... adivinha?! Só resta crer que a morte se personifica naquilo que nos aflige como... você (Pausa). Me morde logo! Lança o beijo da morte. Corre pelo meu nariz e caminha dentro do meu crânio e devora meu miolo cinzento como pão. Você gosta de se hospedar em carne humana, eu estudei você: Wikipédia (Pausa). O que? A decisão de ir é minha? Tenho medo de sair! Mais medo de não sair! O meu destino está em um botão. Não! Não agora! Não ainda! O que aflige é o medo pelo desconhecido ou pelo sofrimento? Medo da morte ou de morrer? Porque são coisas diferentes, sabe? A morte é futura, é o além. O morrer, não, é presença, é na primeira

Quero Morrer Dormindo

DOUGG MAIA COLARES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

pessoa. Há três tipos de morte: a morte biológica – o parar de respirar –, o sepultamento – a última pá de terra no assunto – e o esquecimento. Num dia se esquece de lembrar, no outro a voz fica menos nítida, a imagem se opaca e a vida segue o fluxo como se jamais tivesse estado. Será que a Rose esqueceu o Jack? Ou o Náufrago esqueceu o Wilson? “Pra morrer, basta estar vivo” – minha mãe dizia. Não! Para morrer, basta ser esquecido. Quisera ter visitado o túmulo dela, a minha mãe.

Terrena tira a tampa da cloche e põe à mesa, preparando um jantar para ela e a barata.

— Você teme ser esquecida? É mesmo? Sua espécie data de mais 320 milhões de anos? Por isso resiste tanto? Já sei! Vou te chamar de Filó. Pronto! Agora não vou te esquecer nunca. Posso te contar um segredo? Mamãe morreu ano 1 AC – Antes do Colapso. Ao visitá-la, a encontrei com os olhos fechados. Busquei acordá-la, foi quando percebi: mamãe havia morrido dormindo. Não pude dizer uma última palavra, dar um adeus. A morte tem dessas coisas: nunca sabemos quando será a última vez que praticaremos a ação mais cotidiana: uma consulta, um almoço, a expiração... Mamãe havia deixado comida pronta na noite anterior, pra esquentar quando voltasse. Eu congelo essa refeição há cinco anos. Curioso como todas as coisas são comidas: memórias, gente, luto. Insetos também. Na China, vocês são criadas para consumo. Morte matada assim deve ser ruim. Ao colocar esse alimento na boca, será a última vez que vou ter um contato direto com a minha mãe. Depois do que parece a eternidade, eu quebro o jejum hoje. Tal massa vai ser depositada no meu corpo e logo será compostagem, natural redução orgânica. Para haver um bom adubo é preciso abrigar o conteúdo em um compartimento fechado – aqui é uma boa estufa. Em países que adotam a pena de morte, o condenado tem direito a escolher uma última refeição. O que você escolheria pedir? Sente-se, vou te servir; essa é uma receita de família. Espero que agrade o seu paladar. Você também se nutre pelos detritos. Eu queria encontrar o amor. Você seria capaz de me amar, Filó? Dança comigo.

Quero Morrer Dormindo

DOUGG MAIA COLARES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Nos passos da dança, Terrena acidentalmente esmaga Filó.

— Ah, Filó, não parte sem se despedir. Minha mãe sempre dizia: não podemos nomear os animais, porque aí nos apegamos e não aguentamos vê-los devorados pelo tempo. O tempo é essa caixinha de surpresa, embrulhado numa caixa de pandora e agora essa caixa de fósforos será a sua morada última. Você foi bonita, esperta e sobreviveu a tanta coisa. Por que logo agora? Cansada de resistir? Só posso crer que às vezes o cansaço é tamanho que só o sono prolongado, como aquele reposto num feriado, pode dar conta de saciar. Vencer dilúvios, meteoros, alterações climáticas e ambientais, inseticidas, chineladas e campanhas de difamação fez você precisar muito descansar, né?!

Terrena vela o corpo. Ela cobre Filó com um guardanapo e acende uma vela. A toalha de mesa é retirada, tornando-se um vestido que Terrena traja para o funeral.

— Vejo o seu cadáver agora estirado, a baba esbranquiçada a sair do seu corpo esmagado, e sou atravessada por um puro sentimento de finitude. Sou barata tanto quanto você é Terrena. A barata diz que tem sete vidas de Filó. É mentira da barata, ela vestiu o paletó. Ai, ai, causou dó, ela vestiu o paletó (Pausa). Toda boa história tem um cadáver no desenrolar e a confissão homicida no final. Eu confesso! Cometi uma transgressão! Desrespeitei o quinto mandamento: não matarás. Matei tudo em mim o que é intestino. Dizem que sobrevive não o mais forte, ou o mais inteligente, mas sim quem se adapta melhor às adversidades. Tempo. A morte é uma ínfima fração de tempo. Mal pode ser registrado pelas ligações coordenadas do nosso córtex cerebral, formadoras dos pensamentos. Pensar e morrer. Pensar em morrer. É tudo um instante, tão rápido como quando você pisa em falso e afunda o pé no ar até recuperar o equilíbrio. A vida é o imprevisto; morrer é esperado. Se temo a morte? Absolutamente. Temo o inferno. Sim. O inferno me soa como uma filial de Bangu com corpos expostos tipo frango de padaria, soltando gordura nas engrenagens da máquina. Não sou religiosa, juro por Deus! Mas a Bíblia é um *bestseller* muito popular. Deus surge na forma de um senhor simpático, meio

Quero Morrer Dormindo

DOUGG MAIA COLARES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Gepeto ou o Mestre dos Magos? Ou é um juiz branco, cisgênero e pai de família, com a peruquinha e o martelo pra setenciar o meu espírito a chafurdar no pântano de chorume? Se esse é o preço de viver as dores e delícias de ser quem se é, que venha então! Que eu sinta o treco, o troço, o choque, o susto, o baque, o arrepio, o estremecimento, o *plaft*. E que me rasgue. Que eu gema, que eu me arraste, que eu faça sujeira tal qual um parasita que rasteja mesmo sem cabeça, que o meu corpo se dizime em pequenas partículas para não haver condições para enterro, nem algodões a cutucar as minhas cavidades no caixão (Pausa). Você! Você aí! Você que testemunha isso tudo. É só você apertar um botão para acabar com essa história. Saía do conforto de ser *voyeur* e me mata. Vai! Eu sou uma praga como ela. Coragem! O que a morte quer da gente é coragem (Pausa). Está tudo bem. Parecer: perecer. O tempo tudo destrói, no seu tempo. Quem tem direito a morrer dormindo? Quem não escolheu a hora da sua festa. Filó, vou te encontrar vestida de cetim. Já vejo a luz dos holofotes ao fundo! Eu aperto o botão. E canto para minha morte.

Um feixe de luzes atravessa o quarto. Um par de asas surge de dentro da roupa de Terrena, que começa voar rumo ao teto, atraída pela luminosidade, como bicho-de-luz.

Quero Morrer Dormindo

DOUGG MAIA COLARES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 05 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de dezembro de 2025